

O espaço de vida da criança: contribuições dos estudos de Marta Muchow às crianças e suas espacialidades¹

The children's life space: Marta Muchow studies and
contribution to children and their spatialities

Jader Janer Moreira LOPES²

Bernd FICHTNER³

Resumo

Marta Muchow nasceu no dia 25 de setembro de 1892, na cidade de Hamburgo, Alemanha. Dedicou-se a pesquisar as crianças na cidade. Seu trabalho foi publicado após sua morte e recebeu o título *Der Lebensraum des Großstadtkindes*. Suas ideias são contemporâneas e poderiam estar presentes em qualquer obra atual que preconiza o protagonismo e a participação das crianças, suas lógicas e formas próprias de ser e estar no espaço. Esse texto aborda as contribuições dessa autora a partir de seu único trabalho publicado.

Palavras-chave: Crianças. Cidades. Geografia da Infância.

Abstract

Martha Muchow was born on September 25, 1892, in the city of Hamburg, Germany. She dedicated her self to research about the children in town. Her work was published after her death and received the title *Der Lebensraum des Großstadtkindes*. Her ideas are contemporary and could be present in any current work that brings the agency and the participation of children, her logic and proper forms of being in the space. This text brings the contribution of this author from her only published work.

Keywords: Children. City. Childhood Geography.

1 Dedicamos este texto à professora Imbke Behnken, e à Universidade de Siegen-Alemanha, que me acolheram carinhosamente no SiZe, nas manhãs frias do inverno alemão.

2 Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da UFF e UFJF. Coordenador do Grupo de Pesquisa e Estudos em Geografia da Infância. Rua José Lourenço Kelmer, s/n - Martelos, Juiz de Fora. MG. CEP: 36036-330. Email: <jjaner@pq.cnpq.br>.

3 PhD. Universidade de Siegen. Adolf-Reichwein-Straße 2, 57076 Siegen. Email: fichtner@paedagogik.uni-siegen.de

Martha Muchow estudou como as crianças, em um bairro de classe operária, usaram sua criatividade para transformar o quarteirão e as ruas em seus próprios espaços de vida. Muchow escolheu [...] uma parte da cidade de Hamburgo como seu local de pesquisa. [...] O estudo documenta um pedaço da história da infância urbana, vista de baixo, usando uma perspectiva sensível e participativa. (ZINNECKER 1978, p. 21, Prefácio da edição de 1978).⁴

A cidade de Juiz de Fora situa-se na Zona da Mata, estado de Minas Gerais, Brasil. É um espaço urbano com aproximadamente 550.710 habitantes⁵, tendo apresentado, em seu último censo (2010), em torno de 98.554⁶ crianças com idade de zero a 14 anos. Apesar desse grande número, como a maior parte das cidades brasileiras, Juiz de Fora possui poucos espaços destinados à infância e ao lazer cotidiano. Praças públicas, parques e outros espaços tradicionalmente ocupados pela população de pouca idade estão bastante ausentes.

Assim, espaços destinados a outras funções acabam sendo muito utilizados por adultos e crianças, que materializam aí suas vidas cotidianas. Nos últimos anos, por exemplo, uma via que deveria fazer a ligação da cidade com uma importante autoestrada teve suas obras paralisadas por questões econômicas, tendo parte dela sido fechada para a circulação de carros. Esse local acabou sendo rapidamente ocupado pela população da cidade que, sobretudo nos finais de semana, utilizam-no, fazendo com que lote de bicicletas, skates, patins, pessoas caminhando e correndo e, claro, muitas crianças brincando. E foi uma dessas crianças que nos disse: “[...] por que essa rua não fica para nós, pois é aqui que posso andar de bicicleta, sem os carros?” (NOTA DE CAMPO, 2014).

4 Esse texto só foi possível com a ajuda intensa do professor Prof. Bernd Fichtner que não só me presenteou com o livro *Der Lebensraum des Großstadtkindes*, em sua última versão, mas também me ajudou na sua produção e tradução para o português.

5 INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE)- Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=313670>>. Acesso em: 10. set. 2016.

6 INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE)- Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=26&uf=31#topo_piramide>. Acesso em: 10 set. 2016.

Foto 1 – Crianças andando de bicicleta em via pública



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Geografia da Infância (GRUPEGI), 2015.

Foto 2 - Crianças andando de bicicleta em via pública



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Geografia da Infância (GRUPEGI), 2015.

Podemos situar a década de 70, do século passado, como um momento em que se iniciam os acúmulos de trabalhos que envolvem as crianças e suas espacialidades. Produções desenvolvidas em diferentes contextos geográficos, mas fortemente influenciadas pelos postulados sistematizados na Geografia Humanista, irão iniciar uma série de ações e registros que buscam desvelar o ser e estar das crianças no espaço. (LOPES, 2013, p. 284-5).

O autor reconhece que o livro de Y-fu Tuan, com o título *Topofilia*, cuja primeira edição data de 1973, e publicado em diversas línguas a partir dos anos 1980; a obra de Armand Frémont, publicada em 1976 e intitulada *La Région, espace vécu* (A região, espaço vivido); o livro *A Imagem da Cidade*, publicado em 1960, de Kevin Lynch, além dos estudos de Piaget (PIAGET; INHELDER, 1993, entre outros) trarão influências expressivas nesses estudos, constituindo-se como marcos referencias para os estudos iniciais nas pesquisas sobre crianças e suas relações espaciais.

Cartografar movimentos de uma época é sempre algo difícil, pois se retratam, muitas vezes, as fontes a que a pesquisa teve acesso, correndo-se o risco de deixar de fora outras contribuições. Entretanto, é o que permite, mesmo em seus limites, conhecer o *Zeitgeist* que permeia determinados espaços e tempos. Nessa perspectiva, buscando agregar valor ao desenho da *escavação* citada anteriormente, evidencia-se uma pesquisadora do início do século XX, que parece ser uma das primeiras pessoas que dedicaram sua vida acadêmica para pensar o binômio criança/espaço: Marta Muchow.

Este texto se dedica a ela e às suas importantes contribuições. Assusta-nos como uma obra de grande importância tenha permanecido esquecida no meio científico. No caso do Brasil, há publicações que possam dar visibilidade ao seu trabalho. Marta Muchow desenvolveu expressivas investigações sobre a relação das crianças com seus meios, sobretudo o urbano, cunhando temas e conceitos que hoje se apresentam contemporâneos à área de Estudos da Infância.

Marta Muchow nasceu no dia 25 de setembro de 1892, na cidade de Hamburgo, Alemanha e cometeu suicídio no ano de 1933, mais precisamente no dia 27 do mesmo mês de seu nascimento, pressionada pelas ações do regime nazista em seu país e pelos rumos que a vida na Alemanha tomava.

Figura 2 - Martha Muchow, 1930

Fonte: Muchow e Muchow, (2012, p. 24).

Foi professora e trabalhou como colaboradora voluntária no Laboratório de Psicologia da Universidade de Hamburgo, coordenado por William Stern, no período de 1916 e 1933, o qual, segundo Mey e Günther (2015), transformar-se-ia em um dos maiores centros de referência de estudos da infância naquela época. No ano de 1920, dedicou-se intensamente a um conjunto de trabalhos na própria cidade de Hamburgo, em um distrito chamado Barmbeck⁷.

Seu livro *Der Lebensraum des Großstadtkindes* (traduzido para o inglês com o título *The Life Space of Urban Child*) ainda se encontra sem tradução para o português, mas poderia ter como título *O Espaço da Vida da Criança na Cidade Grande*. A obra foi publicada após sua morte pelo seu irmão Hans Heinrich Muchow, no ano de 1935, com divulgação muito restrita ao território germânico.

7 Atualmente o distrito recebe a grafia Barmbek. Maiores informações sobre o local podem ser encontradas na página oficial da cidade na internet, disponível em: <<http://www.hamburg.de/barmbek-sued/>>.

Figura 3 - Capa da Edição de 1935



Fonte: Muchow e Muchow (2012, p. 65).

Passados 43 anos de sua primeira edição, o livro foi reeditado em 1978, a partir de um intenso trabalho de pesquisa do professor Jürgen Zinnercker, docente da Universidade de Siegen, falecido no ano de 2011, que trabalhou como fundador e, por mais de 25 anos, no reconhecido *Siegener Zentrums für Sozialisations-, Lebenslauf- und Biographieforschung - SiZe* (Centro de Siegen para pesquisa de Socialização e Biografia), realizando muitos projetos com perspectivas inovadoras sobre infância e juventudes. Ele, sua esposa, a professora Imbke Behnken, e o grupo de pesquisadores dedicaram longos anos a um projeto que tinha por objetivo compreender o espaço de vida de alunos do final da Educação Básica. A pesquisa, que recebeu o nome de *Projektgruppe Jugendbüro und Hauptschularbeit* (1975) e *Projektgruppe Jugendbüro* (1977), utilizou-se do conceito de *Lebenswelt* (Mundo vivido), retirado dos estudos de Edmund Russel e seu aluno Alfred Schultz (1971 apud LOPES, 2012, p. 78):

É nesse caminho que Schültz traz o termo *Lebenswelt*, sendo as diversas dimensões das realidades experimentadas e vivenciadas por homens, mulheres e crianças. Essa experiência não se restringe a um lócus privado, mas sim intersubjetivo, em presença com o social, tendo como marca a interpretação das pessoas que nele habitam.

Defende, assim, que a interpretação é o ponto de partida da constituição do dito real; [...] propõe um *multi-verso* em vez do *universo*, permeado pelas infinitas possibilidades de interpretações. Usando meu corpo como referência, como o Aqui e o Agora, vivencio as experiências espaciais e temporais, tendo como domínio a realidade social dos contemporâneos (MITWELT) e a dos predecessores (VORWELT). É a vida cotidiana –*Alttagwelt*, que ocupamos e nos ocupa, onde se inserem minhas espacialidades e temporalidades [...]

O interesse em compreender o espaço vivido das crianças e jovens levou os pesquisadores de Siegen a desenvolverem um aporte-teórico reconhecido por Mapas Narrativos (*Narrative Landkarten*)⁸. Por isso, o encontro com a produção de Marta Muchow despertou grande interesse do professor e sua equipe e, segundo Mey e Günther (2015), foi realizado um grande esforço para levantar a vida da autora, recorrendo a entrevistas e arquivos em bibliotecas. Behnken e Zinnecker (2015) afirmam, ainda, que os conceitos estabelecidos por Muchow para investigar o espaço sociogeográfico das crianças foram replicados em sua pesquisa, como também um esquema desenvolvido por Heinz Werner, colega de Muchow que emigrou para os Estados Unidos.

A redescoberta do livro de Muchow teve grande repercussão na Alemanha. A obra apresenta uma última edição revisada e ampliada, de 2012, organizada por Imbke Behnken e Michael-Seabrian Honig (2012). De acordo com Mey e Günther (2015), atualmente, a autora vem recebendo uma atenção renovada sob a forma de publicações, exposições, conferências e homenagens especiais em seu país de nascimento. A própria biblioteca de Educação, Psicologia e Esportes de Hamburgo recebeu o nome da pesquisadora⁹, inclusive como referência a um memorial das vítimas do nazismo. Em 2010, foi criada a Fundação Martha Muchow, com o objetivo de apoiar pesquisas e trabalhos sobre a infância inspirados nas perspectivas e exemplos da autora¹⁰.

Em um quadro que delinea alguns momentos da vida de Marta Muchow, com o nome original de *Marta Muchow. Materialien zur Biografie einer Wissenschaftlerin* (Marta Muchow. Materiais para a biografia de uma cientista), Jürgen Zinnecker (in MUCHOW; MUCHOW, 2012), traz alguns momentos

8 Para maiores detalhes, ver Lopes (2012).

9 Acesse o sítio: <<https://www.ew.uni-hamburg.de/mmb.html>>.

10 Acesse o sítio: <<http://www.martha-muchow-institut.de/>>.

da vida da pesquisadora: nascida em 1892, teve sua vida escolar de 1899 até 1912, torna-se professora no ano de 1913, na páscoa de 1914 até o outono de 1915 tem sua primeira experiência profissional em escola, nos anos seguintes continua como professora e atua em seu tempo livre em eventos do Laboratório de Psicologia, mais tarde cursa Psicologia e outras disciplinas na Universidade de Hamburgo e desempenha sua pesquisa com as crianças, sua morte ocorre em setembro de 1933 e, aproximadamente, dois anos depois seu irmão publica o livro que descreve os trabalhos desenvolvidos em campo.

Marta Muchow: aproximações teóricas e pesquisas

Até agora, não houve nenhuma tentativa de questionar ‘o espaço de vida urbana’ ou respondê-la cientificamente. Em ambas literaturas, psicológica e pedagógica, ‘a criança’ tem sido simplesmente um objeto de pesquisa. Os poucos e recentes estudos que contrastam a criança da cidade e a criança rural não oferecem uma análise detalhada, nem descrição da realidade da vida na cidade, nem tentam capturar o ‘espaço de vida’ da criança urbana. (MUCHOW; MUCHOW, 2012, p. 78, tradução nossa, grifos dos autores).

É com a epígrafe então citada que Muchow (2012) abre a introdução de seu livro *Der Lebensraum des Großstadtkindes*. Como pode ser percebido, ela apresenta críticas aos poucos estudos sobre a vida das crianças urbanas existentes em sua época. Essas críticas continuam no decorrer da curta, mas significativa introdução na qual a autora comenta que esses trabalhos eram *simples, universais* e ignoravam as peculiaridades que constituem a vida nas cidades e os processos educacionais que ocorrem nos espaços urbanos. Além disso, baseados em perspectivas da Psicologia da época, ela chama a atenção para a impossibilidade de essas pesquisas e métodos capturarem as particularidades do *viver* urbano das crianças.

Como compreender os espaços vividos das crianças? Como capturar suas lógicas próprias de viver a espacialidade, o ser e estar nas cidades? Essas e outras perguntas, provavelmente, circularam entre as inquietações de Muchow e acabaram por levá-la a pensar uma metodologia que possibilitasse enlaçar essa vivência. A autora busca, na cartografia e em diferentes formas de observações, entrevistas e conversas, uma proposta metodológica que pudesse representar essa dimensão pouco conhecida dos adultos, ignorada na academia, pelos gestores

urbanos e por diversos outros setores envolvidos com a vida no espaço urbano. No último parágrafo da introdução, a pesquisadora começa a delinear seus propósitos e justifica a própria arquitetura das páginas escritas, como se pode observar nas descrições a seguir.

O livro de Muchow (MUCHOW; MUCHOW, 2012) é dividido em três capítulos, que descrevem a perspectiva de estudo: o primeiro intitulado *Der Lebensraum als Raum, in dem das Kind lebt* (O espaço de vida como *espaço no qual a criança vive*), o segundo *Der Lebensraum als Raum, den das Kind erlebt* (O espaço de vida como o *espaço que a criança vivencia*) e o terceiro *Der Lebensraum als Raum, den das Kind lebt* (O espaço de vida como o *espaço que a criança vive*). Todos esses capítulos apresentam subdivisões internas que detalham os momentos da investigação, aparecendo, ao final, as conclusões. No prefácio do livro, escrito por Hans Muchow, assinado em 17 de março de 1935, é feita uma rápida apresentação e contextualização da obra. Como forma de familiarizar o leitor com sua arquitetura, vamos seguir os próprios caminhos da autora. Contudo, ao mesmo tempo, tecemos comentários que buscam dialogar com nossas interpretações de seu texto.

1 O espaço de vida como o *espaço no qual a criança vive*:

Deve-se notar que todas as crianças, incluindo aquelas tão jovens como de nove anos, entenderam a sua missão e dedicaram-se a completá-la com seriedade e entusiasmo. Desta forma, recebemos um grande número de representações gráficas de onde as crianças gostam de brincar e andar, que são subjetivamente honestas e fornecidas com as melhores intenções. (MUCHOW; MUCHOW, 2012, p. 81 tradução nossa).

O que é o espaço em que a criança urbana vive? Com essa pergunta inicial, Marta Muchow e um grupo de estudantes e colaboradores deram início à pesquisa que originou o livro publicado por seu irmão.

Para responder a essa questão, ela baseou-se em métodos empíricos, tendo participado dessa fase inicial um total de 109 crianças de ambos os sexos, com idades variando entre nove e 14 anos. A estratégia foi utilizar mapas formais de Hamburgo, nos quais as crianças foram convidadas a marcar, com números ou letras, as seguintes informações: suas atuais e antigas moradias/residências, escolas atuais e antigas, berçários, creches, áreas de esportes, ginásios, piscinas, bibliotecas, clubes de jovens, locais de trabalhos após a escola, casas de parentes, casas de amigos, locais visitados com os pais e outros.

As crianças foram instruídas, ainda, a colorir, de azul, todos os locais que conheciam bem, onde brincavam e jogavam com frequência, onde passavam muito tempo, aqueles lugares que *poderiam visualizar quando os olhos são fechados* e, a colorir, de vermelho, aquelas ruas em que já *passaram, mas que não conheciam tão bem quanto as que coloriram de azul*. Um questionário com as mesmas informações solicitadas anteriormente também foi preenchido, com o objetivo de fazer comparações e traçar levantamentos estatísticos. Dessa forma, um grande número de informações empíricas foi levantado.

O capítulo apresenta, na seção 2, uma descrição e um conjunto de informações estatísticas sobre os dados encontrados, evidenciando as distâncias, os deslocamentos e os pontos fixos ocupados por meninos e meninas, cruzando-se idade e gênero a fim de buscar perceber as diferenças e as similaridades que aparecem. Para conferir uma melhor visibilidade ao material coletado em campo, são incluídas diversas tabelas.

A seção 3 aborda a forma e a composição dos espaços de vida, faz uma descrição do distrito de Barmbecker¹¹ e o uso que as crianças fazem desse espaço, sendo demarcadas, principalmente, as áreas de brincar (jogar) e as áreas de itinerância e deslocamentos. Barmbeck é descrita como uma região de intensa atividade e com muitos equipamentos urbanos (tais como vias, linhas férreas), demonstrando que as fronteiras naturais e as estruturais espaciais influenciam no uso desse local pelas crianças, criando separações no espaço, o que leva a utilizar o termo *Barmbecker Insel*.

Novas descrições estatísticas, além de uma descrição do uso do espaço do distrito são apresentadas. O capítulo é concluído, afirmando-se que, embora o espaço de vida das crianças não envolva toda a cidade, algo em torno de seis por cento da área total é intensamente experimentada, havendo diferentes graus de familiaridades. Percebe-se, de forma geral, que os bairros mais próximos de suas residências são os mais conhecidos. Nesse ponto, a autora já faz uma importante consideração que muito se aproxima dos contemporâneos estudos envolvendo infância e espacialidade. Segundo ela, “[...] a proximidade, do ponto de vista de uma criança, não necessariamente significa uma proximidade física” (MUCHOW; MUCHOW, 2012, p. 96). Há locais mais distantes que se tornam mais próximos e vice-versa, portanto, as *aldeias infantis* nem sempre apresentam um condicionante físico. Há outras considerações muito significativas no encerramento dessa parte do texto, dentre as quais destacamos a afirmação sobre a estrutura do espaço urbano das crianças ser independente do ponto de vista do adulto.

11 Como citado em nota anterior, a grafia atual utilizada para a região é Barmbek. Neste texto utilizaremos a grafia presente na obra de Muchow.

2 O espaço de vida como o espaço que a criança vivencia:

A fim de responder à questão sobre como a criança experiêcia o espaço [...], nós solicitamos declarações escritas das crianças [...]. Um esquema foi usado para perguntar às crianças sobre a localização e as características de seus espaços de jogos e outras áreas de lazer, bem como sobre a natureza dos jogos que eles fazem por lá. Essas anotações foram associadas a anteriores [...] Finalmente as crianças prepararam um grande número de textos e representações gráficas sobre seus domingos [...] (MUCHOW; MUCHOW, 2012, p. 97, tradução nossa).

Para esse segundo momento da pesquisa, o grupo coordenado por Muchow solicitou declarações escritas das crianças sobre seus espaços de brincar e outros locais por elas vividos. A partir das respostas, foi feito um detalhamento das informações, tendo sido estabelecidas relações com as temáticas levantadas anteriormente. Além disso, uma situação foi privilegiada: o domingo como dia livre na semana, visto que esse dado apareceu de forma significativa no primeiro momento da pesquisa, como mostram a epígrafe anterior e a citação seguinte:

[...] as crianças foram solicitadas a falar sobre as atividades e a intensidade com que elas vivenciam e experimentam ruas, praças, parques e demais situações na cidade. Um terço das crianças foram convidadas a preparar um registro detalhado ou um ensaio sobre os acontecimentos de seus domingos [...] (MUCHOW; MUCHOW, 2012, p. 97, tradução nossa).

O levantamento permitiu reconhecer que a rua é o espaço privilegiado das crianças, se comparada a outros espaços que surgiram anteriormente, como os parques e os campos de esportes. O destaque é para as ruas onde elas moram. *Na rua*, que se assemelha à noção de *frente da porta*, temos uma extensão da casa, vez que se trata do lugar onde estão os amigos, do qual possuem grande conhecimento e com o qual têm familiaridade. Trata-se do espaço que proporciona extensões para outros locais. Muchow afirma que, como a noção de *casa* é extremamente subjetiva, há uma dimensão que a liga com a experiência.

Foram cartografadas também as principais atividades desenvolvidas pelas crianças: esconde-esconde, guerras, salvamentos, brincadeiras de índios e *cowboys*, polícia e ladrão e muitas outras. São comuns também as *batalhas* e *guerras* entre diferentes ruas e, em menor escala, os jogos de bola, como futebol, voleibol, entre outros.

Nessa seção, Muchow traz, novamente, a questão do gênero como um dado importante nas diferentes atividades desenvolvidas por meninos e meninas, tentando mapear o que aparece como atividades específicas para cada um desses grupos.

A última seção refere-se ao tempo livre das crianças no domingo, grandeza significativa que emergiu dos levantamentos anteriores. Um grupo de meninos e meninas escreveu sobre *como eu passei meu domingo ontem*. Outras situações, como algumas conversas, permitiram reconhecer o domingo como um dia singular e diferenciado na vida das crianças.

A vivência em família é uma característica que marca a vida das crianças no domingo. Atividades como *ajudar em casa*, estar junto com os parentes, fazer visitas a parentes, participar de jogos familiares, fazer caminhadas em família são algumas descrições que aparecem.

Muchow fecha esse capítulo fazendo, novamente, um resumo de tudo que foi apresentado, demarcando como o mundo da escola e da rua, que está presente no decorrer da semana das crianças, é substituído pelas relações familiares do domingo. Para além dos conteúdos, traz uma afirmação dos procedimentos de pesquisa, afirmando a impossibilidade de se generalizarem os dados apresentados e apontando a necessidade de se avançar e aprofundar esse levantamento com as crianças.

3 O espaço de vida como *espaço que a criança vive*

Os espaços das ruas que foram revelados pelas investigações no primeiro capítulo, como aqueles experimentados pelos meninos e meninas de Barmbeck, agora se tornam base para os estudos posteriores. (MUCHOW; MUCHOW, 2012, p.106, tradução nossa).

Os espaços que emergiram nos capítulos anteriores foram os locais usados para dar continuidade à pesquisa. Esse capítulo, que contém oito seções, constitui-se como o mais longo. Algumas das seções apresentam subdivisões.

Novamente a autora faz uma descrição da metodologia utilizada: as crianças foram observadas a partir de diferentes grupos de idade (três-cinco anos; seis-oito anos; nove-dez anos; 11-13 anos e 14 anos), aproximações etárias que foram a base para agrupar os dados. Três estratégias de observação foram privilegiadas: o *flush-light-Method* (luz de flash/refletor), que consistiu em focar a observação em uma área restrita e prescrita, registrando-se todos os comportamentos das crianças como na perspectiva de um refletor; o *time-simple-Method* (tempo de amostra), que se

caracterizou pela observação fixa de um pesquisador, procedendo-se ao registro sistemático de todos os comportamentos das crianças nesse espaço limitado e, por último, o *Dauer-Beobachtungs-Methode* (método de observação permanente), em que foram contempladas certas crianças ou grupos de crianças e alguns comportamentos permanentes. Como esse trabalho levantou um grande número de informações, Muchow privilegiou algumas delas para serem descritas, mais precisamente sete.

São escolhidas, inicialmente, as Docas, um local de carregamento de produtos, como um dos locais privilegiado da pesquisa, tendo sido apresentada a seguinte descrição do local:

A Doca de carregamento está localizada ao noroeste do distrito de Bamberg e estende-se cerca de oitenta metros paralelos ao Canal Osterbeck, entre o Canal e a estrada Osterbeck. A fronteira ocidental é criada por uma estrada e ponte, que possui em torno de 35 metros de comprimento. Do lado oriental há uma cerca de madeira medindo dois metros de altura e cerca de 25 metros de largura. Atrás da cerca estão os galpões de barco do Hamburger Kanu-Clubs. (MUCHOW; MUCHOW, 2012, p. 107-8, tradução nossa).

A descrição das Docas revela ser uma construção criada por adultos para fins adultos. Nessa dimensão são feitas as primeiras perguntas: *O que os adultos fazem nesse local? Qual o papel da Doca em suas vidas?* Muchow responde: esse local não afeta praticamente nem um adulto que por ali passa, ela não faz parte de seus ambientes, de seus mundos vividos. Porém, a observação das crianças revela outras coisas: há aquelas que vêm somente para passear e aquelas que vêm de diversos lugares e permanecem um tempo no local. A observação desses dois grupos permite diferenciar o mundo dos adultos do mundo das crianças.

Uma primeira diferença está na perspectiva do que define o próprio local: para os construtores do lugar, para os adultos que utilizam o espaço em sua funcionalidade, o centro focal daquele espaço é na parte baixa, próximo à borda da água; para as crianças, o seu encantamento começa com a periferia do espaço e define-se com uma cerca de madeira de, aproximadamente, 1,5 metros de altura, que envolve o local. A cerca no mundo adulto possui duas funções: definir a fronteira entre a rua e o local, funcionando como um paraqueto que protege os transeuntes de cair, ou seja, é um impedor do movimento e tem como definidor perceptivo principal um sinal ótico; para as crianças, a cerca, por sua vez, é um marcador tátil, pois essas logo buscam entrar em contato com ela, deixando de ser um inibidor do movimento, para se transformar em objeto de ação. Assim, o

contato, a experiência tátil é o que prevalece: toques, escaladas, mãos deslizantes estão sempre presentes. A cerca, no mundo adulto, para e direciona o movimento; no mundo das crianças, é um convite para seu agir.

A segunda diferença observada refere-se a um aterro de pedras, que, para os adultos, existe em sua funcionalidade primeira ou passa praticamente despercebido, raramente fazendo parte de seus mundos. Para as crianças, é um espaço de *emoções*, de grande intensidade: descidas, derrapagens, escaladas, possibilidade de ver objetos rolando. Crianças ajudando outras, crianças puxando outras e muitas ações. Para as crianças, o aterro faz parte de seus mundos, é um *subproduto da engenharia*, é um espaço de intensidade, é um espaço que revela (revela o hábil e o inábil, o corajoso e o covarde, o mestre e o aprendiz).

Outros elementos que fazem a diferença são as escadas, a estrada e as bordas da Doca. Para os adultos e crianças maiores, são elementos estruturadores e limitadores do movimento, mas, para as crianças menores, são locais de emoção. Degraus são usados em outras perspectivas; assim como o corrimão da escada, a estrada desperta o senso de aventura e grande experiência sensorial, servindo de base para seus movimentos; a borda da Doca e seus limites permitem uma sensação de flutuação das pernas no ar, possibilitando observar os movimentos diversos que ocorrem na água. As Docas são, assim, um espaço diverso do mundo adulto, mas que é vivido com grande intensidade pelas crianças, com o mesmo fervor do salpicar das pedras nas águas observadas por todas elas.

Um outro local observado na pesquisa são os lotes vagos, chamados pelas crianças de Platz (Lugar). Trata-se de um espaço onde prevalece a presença de crianças maiores, observando-se uma presença muito reduzida de crianças pequenas. Se, para o mundo adulto, os lotes vagos são percebidos como um problema urbano, para as crianças são um verdadeiro *playground*, um espaço em que diversos jogos e brincadeiras ocorrem, um fantástico espaço ao ar livre que representa também um espaço de liberdade em que as crianças podem ficar longe das restrições presentes em outros locais, podendo expressar seus próprios modos de vida.

Além dos lotes vagos, o próprio *playground* também foi observado. Percebeu-se que, apesar de ter sido construído para um recorte específico de idade (oito a 14 anos), ele recebe visitas de crianças de diversas idades. Os equipamentos e os elementos naturais presentes nesse espaço são utilizados de formas variadas pelas crianças, sendo que a faixa etária é um recorte importante nesse processo. Também se observou a atribuição de outros usos dessas formas presentes na paisagem. Frequentemente, as crianças as utilizam com outras perspectivas e funções, elas ressignificam esses espaços, revivem-nos, o que evidencia divergências claras daquelas que foram pensadas pelos construtores.

As seções seguintes trazem observações abrangidas em ruas de pouco tráfego, de tráfego intenso e na avenida principal. Essas vias foram observadas porque as crianças, no início da pesquisa, designaram as ruas como seus *playgrounds* favoritos. A pesquisa mostrou que a rua de pouco tráfego faz parte da vida das crianças. É um espaço usado intensamente como área de brincar, que expressa liberdade e segurança, usado por crianças de diferentes idades o dia todo. Por sua vez, as ruas de tráfego intenso não são espaços de lazer para as crianças, visto que o fluxo de pessoas e veículos diversos impede e interrompe as ações infantis. Assim, não são um espaço de acolhimento, de jogos e brincadeiras, mas um espaço a ser conquistado. A rua principal (aqui foi observada a Hamburger Straße) também não se constitui como um espaço de brincar. A maioria das crianças é transeunte. Embora algumas lojas e suas vitrines, dependendo de seu conteúdo, atraiam a atenção de determinados grupos de meninos e meninas, as crianças prestam pouca atenção no conteúdo presente na rua, que se apresenta como mero local de passagem, não fazendo parte de seus mundos.

Muchow traz, ainda nesse capítulo, uma interessante observação ocorrida em uma loja de departamentos¹², que se constituiu como um centro importante destacado pelas crianças. Para os adultos, essa tradicional loja é um centro de variedades que atende prontamente os adultos, funcionando, segundo a autora, como um “[...] museu das necessidades modernas [...], sendo [...] um lugar para conhecer, ver pessoas, conversar, olhar ofertas, tomar uma xícara de café e fazer parte da vida da multidão que por ali circula.” (MUCHOW; MUCHOW, 2012, p. 147). Na loja, é muito comum haver um grande número de crianças circulando com adultos. O estabelecimento, inclusive, apresenta *atrações* destinadas ao público infantil, oferecendo um cardápio especial para elas. Entretanto, as crianças não podem circular sozinhas nesse espaço, visto que há porteiros nas entradas que impedem suas entradas, caso estejam desacompanhadas.

Assim, esse espaço exerce um grande fascínio para as crianças, para quem se trata de um *local de aventuras* que tem início, exatamente, na tentativa de entrar no lugar. Para isso, algumas estratégias foram observadas: as crianças podem simplesmente esperar uma distração dos porteiros para entrarem rapidamente pela porta giratória. Podem se utilizar, porém, de situações mais elaboradas, como *ir fazer compras* a mando de algum adulto, quando, para tentarem provar seus objetivos, mostram moedas para o *guardião* da entrada. A equipe

12 A pesquisa ocorreu na *Karstadt*, uma tradicional loja de departamento alemã, presente em diversas cidades do país. A primeira loja foi aberta em 14 de maio de 1881, em Wismar, estado de Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental.

de Muchow observou diversas situações em que moedas eram partilhadas entre as crianças como forma de burlar e justificar o transpassar das fronteiras. Além disso, ainda foram percebidos momentos em que as crianças tentam convencer os adultos desconhecidos a que permitam que elas entrem com eles, simulando um acompanhamento. Uma vez dentro da loja, as crianças buscam se misturar com as pessoas, como forma de não serem apanhadas. As lojas de brinquedos, as mercearias, as escadas rolantes chamam constantemente a atenção das crianças. A loja de departamento funciona como um museu, onde as mercadorias são constantemente apreciadas.

Em relação às crianças maiores, esse espaço é um lugar para *brincar de adulto*, meninos e meninas assumem posturas adultas e desempenham papéis tendo a loja de departamento como *plano de fundo*, ou seja, é um local de suas expressões adultas. Há uma situação de duas meninas de 13 e 14 anos de idade que, em frente a uma vitrine, simulam imitação do comportamento de adultos. Elas entram na loja e continuam a agir como se adultas fossem. Muchow nomeou esse comportamento de *Erwachsene-Allüren (maneirismos adultos)*.

Considerações finais

Considerando tudo o que apresentamos nos capítulos anteriores, o que se pode concluir sobre o ‘espaço de vida da criança urbana?’ Enquanto ainda na fase preparatória e antes de analisar de perto o ‘espaço em que a criança urbana vive’ no primeiro capítulo, estava claro para nós que não estávamos lidando com o espaço matemático tridimensional que epistemologicamente tem sido a base para todo o conhecimento. (MUCHOW; MUCHOW, 2012, p. 157, tradução nossa, grifos dos autores).

Como pode ser compreendido neste texto, a pesquisa de Marta Muchow, desenvolvida no início do século XX, foi pioneira em buscar compreender as interfaces entre as crianças e os espaços, dando ênfase ao espaço urbano.

A metodologia utilizada, os questionamentos aos procedimentos científicos de sua época, as afirmações sobre o mundo vivido das crianças e suas diferenças do mundo adulto demarcam uma proposta que vai ao encontro dos contemporâneos estudos da infância.

A última parte do livro de Muchow abre-se com uma pergunta: *considerando tudo o que foi apresentado até aqui, o que se pode concluir do espaço de vida das crianças urbanas?* Sua resposta pode ser assim condensada e expressa:

- o espaço que a pesquisa revelou não era o espaço matemático, que dominava os conhecimentos presentes naquele momento. Se estava lidando-se com um espaço concreto, existente em sua materialidade, o espaço urbano, a autora afirma a necessidade de assumi-lo como um espaço *fictício*, impossível de ser compreendido como único e homogêneo para todos os seus moradores e, portanto, não concebido em sua universalidade;
- o espaço urbano é vivido de forma diferenciada por cada morador, dependendo de suas vivências e experiências. A grande cidade é, portanto, uma conveniente fábula para seus moradores;
- isso também pode ser percebido em relação às crianças, que também apresentam espaços diferenciados entre si, mas com profundas diferenças do espaço dos adultos;
- as vivências espaciais das crianças são atravessadas pelas estruturas etárias, sexo e também grau de inserção escolar, o que interfere em seus pertencimentos e atividades urbanas;
- nas cidades o espaço de vida das crianças são espaços parciais, o espaço de vida se aproxima da metáfora de estar em uma aldeia, seus espaços estão próximos às suas residências e casas e estende-se para fora em camadas;
- as camadas geralmente são formadas por anéis ao redor da área residencial e erguidas de forma bastante densa, ao passo que as áreas mais periféricas são vagamente conectadas;
- a densidade das conexões depende de alguns fatores, que não podem ser assumidos como regras consistentes: o primeiro é a distância a partir da zona residencial, sendo que os limites naturais e as construções humanas também interferem nessas conexões, criando barreiras e separações nesse processo;
- o espaço de vida das crianças não depende tanto das estruturas adultas, mas, sobretudo, das suas experiências;
- a rua é muitas vezes percebida como uma *segunda casa*, é a transposição entre interior e exterior, sobretudo as ruas residenciais; são suas casas também, são locais de intensa brincadeira e jogos infantis;
- o espaço de vida das crianças é mais claramente percebido quando observamos as estruturas do mundo adulto, que são ressignificadas em suas experiências, o que mostra formas singulares e próprias de viverem o mundo urbano e suas estruturas;
- os espaços de vida das crianças não são construídos ao lado dos espaços de vida dos adultos, mas são sobrepostos e intercalados;

- tudo isso demonstra a necessidade de conhecer e pesquisar o espaço de vida das crianças, tarefa que deve envolver professores, educadores, assistentes sociais, que devem olhar para esse *reino*, o que poderá facilitar a interação com as crianças e suas vidas urbanas.

Como pode ser percebido, os postulados presentes no final do livro poderiam estar presentes em qualquer obra atual que preconiza sobre o protagonismo e a participação das crianças, suas lógicas e formas próprias de ser e estar no espaço. Trabalhos posteriores, que tiveram grande impacto nos estudos da percepção espacial e ambiental, acabaram se tornando mais conhecidos. Porém, essas ideias, que já haviam sido esboçadas por Muchow anos antes, acabaram, talvez por barreiras da língua ou devido a outros fatores, ficando restritas ao seu próprio país.

Esperamos, com este artigo, contribuir e divulgar no Brasil e em outros países de língua portuguesa tão significativo trabalho e que ele possa despertar interesse em novas pesquisas e buscas, trazendo à tona uma grande pesquisadora, esquecida pela academia, invisibilizada em muitos espaços.

Referências

BEHNKEN, Imbke; ZINNECKER, Jürgen. Martha Muchow and Hans Heinrich Muchow: the life Space of Urban Child – The Loss and Discovery, Connections and Requisites. In: MEY, Günter; GÜNTHER, Hartmut (Ed.). **The life space of the urban child: perspective on Marta Muchow's classic study.** New Jersey: Transaction Publishers, New Brunswick, 2015. 362 p

BEHNKEN, Imbke; HONIG Michael-Seabtian. (Org). MUCHOW, Martha; MUCHOW, Hans Heinrich. Der **Lebensraum des Großstadtkindes.** Doutschland: Beltz Juventa, 2012. 212p

FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido.** Coimbra: Almedina, 1980.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE)- Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=313670>>. Acesso em: 10 set. 2016.

LYNCH, Kevin. **The Image of the City.** Cambridge: M. I. T. Press, 1960.

LOPES, J. J. M. Mapas narrativos e espaços de vivências: cartografando os lugares de infância. In: LOPES, J. J. M.; ANDRADE, D. B. S. F. **Crianças e Infâncias: lugares em diálogo.** Cuiabá: EdUFMT, 2012.

LOPES, J. J. M. Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. **Revista de Educação Pública**. Cuiabá, v. 22. n. 49/1, p. 233-294, maio/agosto 2013.

MUCHOW, Martha; MUCHOW, Hans Heinrich. **Der Lebensraum des Großstadtkindes**. Beltz Juventa. Doutschland. 2012. 212p.¹³

MEY, Günter; GÜNTHER, Hartmut. **The life space of the urban child: perspective on Marta Muchow's Classic Study**. Transaction Publishers, New Brunswick, New Jersey. 2015. 362 p.

MEY, Günter. **Auf den Spuren von Martha Muchow**. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?cluster=5212782743962206284&hl=pt-BR&as_sdt=0,5>. Acesso em: 5 mar. 2016.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. **A representação do espaço na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1980.

Recebido em: 31/05/2017.

Aceite em: 14/07/2017.

13 Essa obra foi traduzida para o inglês e recebeu diversos outros textos em sua publicação. Apresenta o prefácio de Jann Valsiner, a apresentação dos autores, seguida de uma apresentação e depois textos que foram divididos em seções temáticas, além, claro, do próprio texto de Muchow.